



## 2.5 • A dimensão externa da segurança interna

### CRIMINALIDADE TRANSNACIONAL

Artur Rocha Machado

O QUE DIFERENCIA A ESPÉCIE HUMANA das outras espécies, que se satisfazem com a sobrevivência e reprodução, é a ambição e luta pelo poder. Foi esta luta que enformou toda a história da espécie humana e das relações estabelecidas coletivamente. O poder é um acontecimento multifacetado omnipresente em todas as relações sociais e humanas. Por isso, a agressão e a violência acompanharam a evolução humana, que se manifestou impiedosamente contra as outras espécies e contra membros da própria espécie. A luta pela sobrevivência e domínio do *habitat* refinou tais características, permitindo-lhe chegar até à atualidade. Só os mais fortes, agressivos, violentos, hábeis e que melhor se adaptaram aos diversos ambientes conseguiram sobreviver. Também aprendeu a domar os instintos agressivos e violentos, ajustando-se a cada contexto, sem contudo erradicar as suas raízes, responsáveis pela sua sobrevivência biológica. O percurso da espécie humana foi de luta permanente, o que lhe temperou a faceta de *Homo violens*. Contudo, raras vezes se refere essa característica, sendo mais comuns as de *Homo faber*, *Homo sapiens*, *Homo religiosus*, *Homo economicus*, *Homo politicus*, etc.

A organização e estruturação de grupos humanos e a sua convivência em espaços limitados à *polis* (cidade) acarretou novos problemas e novas exigências. O homem teve de refrear a sua conduta, submeter-se à hierarquia do poder, racionalizar procedimentos desempenhando novos papéis, controlar tensões e conflitos inter-individuais, submeter-se ao poder exercido por grupos restritos de privilegiados, conscientes de que o poder confere prestígio e dinheiro. A vida em grupo acabou por colidir com a sobrevivência autodeterminada, definindo-lhe limites e fixando padrões de comportamento de modo a preservar a ordem, a estabilidade e a segurança do grupo (interna e externa), exigências basicamente contranatura. Os diferentes modelos de organização dos grupos refletiu-se no seu desenvolvimento assimétrico, originando padrões comportamentais específicos para cada um (cultura). Com efeito, a organização retira aos seus membros um pouco do que é deles, pelo que é natural a resistência à obediência imposta e a escolha de caminhos alternativos. As culturas, ao definirem padrões de comportamento, também definem o que deve ser considerado normal e crime. Porém, estabelecida a hierarquia do poder, ficou claro que a uns competia o seu exercício, enquanto aos outros caberia a submissão. Esta relação desequilibrada pode ser aceite ou contestada, revelando-se, neste segundo caso, potencial causa de contrapoder. Esta realidade evoluiu em consonância com o progresso educacional e cultural dos povos, facto que teve reflexo direto na tendência para a redução da desigualdade e do diferencial de poder.

O desenvolvimento do conhecimento, e sobretudo a sua difusão generalizada, provocou um clima de descontrolo do poder (como sucede hoje com o nuclear) e, conseqüentemente, de perceção generalizada de insegurança. O poder do músculo (físico) foi substituído pelo poder do cérebro (inteligência) e ao deslocar o centro do poder isso teve efeitos no seu exercício nas sociedades ou Estados. A inteligência, ao impor-se como gestora do poder, não só colidiu com a tradição, como também se repercutiu na crescente incerteza, receio e insegurança em termos gerais. Paralelamente, a sensibilidade das sociedades para os problemas humanos fez com que a preocupação passasse a centrar-se na problemática da segurança, em sentido amplo, sobretudo devido à difusão de ocorrências lesivas da integridade física e psicológica das pessoas cujas imagens despertaram a sua sensibilidade. A (in) segurança passou a ser preocupação dos cidadãos e dos Estados, passando a constituir um dos problemas mais graves a resolver. Sublinha-se que o impacto provocado pelos acontecimentos terroristas, dada a sua visibilidade, não deixou ninguém indiferente ou insensível, tendo o efeito perverso de desestabilizar e taldar a lucidez, gerando uma onda de medo, ansiedade e irracionalidade.

“  
O poder é um acontecimento multifacetado, omnipresente em todas as relações sociais e humanas.  
”

Com efeito, o que tem vindo a suceder no plano da segurança (internacional ou transnacional), não traz nada de novo enquanto fenómeno de contrapoder, porventura anárquico ou terrorista. A diferença reside na dimensão, visibilidade e alcance geográfico da sua difusão graças aos poderosos *mass-media*. Fenómenos de insegurança sempre existiram, nomeadamente ao longo do processo de consolidação do Poder dos Estados. Contudo, foram correspondentes ao estágio de desenvolvimento científico e tecnológico de cada época. E recorda-se que a guerra entre grupos, sociedades ou Estados foi um acontecimento comum até à consolidação dos limites dos respetivos territórios, tendo sido usados todos os meios facilitadores da vitória. Por isso, no decurso das façanhas bélicas, aconteceram atos bárbaros e terroristas com vista a enfraquecer, desmoralizar e destruir o inimigo. A difusão de tais acontecimentos era contudo restrita e, por isso, desconhecida.

Atualmente, a difusão mediática dos acontecimentos terroristas chega a todo o lado, muitas vezes em tempo real, sensibilizando e provocando uma onda de medo, inquietação, indignação e censura, não deixando ninguém indiferente. É nestes momentos que é feito apelo incondicional ao direito à segurança. O estado a que se chegou em matéria de insegurança deve-se, em parte, a vários fatores, de que se destacam os seguintes:

- A evolução científica e tecnológica;
- Os *mass media* e as tecnologias da informação;
- A globalização da vida coletiva;
- A transição de regimes autoritários para regimes democráticos;
- A difusão maciça dos acontecimentos criminosos e terroristas.

Os fatores referidos permitem compreender o estado atual da arte em matéria de segurança ou falta dela, que tanto preocupa cidadãos e Estados. Salienta-se que a perceção do estado de insegurança se reflete no bem-estar individual, na qualidade de vida, na produtividade, na estabilidade e na confiança social. As modificações ocorridas em matéria de segurança relacionam-se sobretudo com os fatores já enunciados e que a seguir se clarificam:

Em *primeiro lugar*, com a evolução da ciência e da tecnologia, que alterou profundamente a natureza, a estratégia e a tática das guerras. Os atos terroristas praticados passaram a revestir-se de características mais evoluídas e sofisticadas, graças às novas tecnologias. Em *segundo lugar*, os poderosos meios de comunicação (*media*) e tecnologias da informação (TI) alteraram profundamente a vida das sociedades, difundindo à escala mundial os acontecimentos de relevo ocorridos em qualquer parte do mundo, por vezes em direto, o que teve um poderoso impacto na vida quotidiana das populações. A difusão de tais acontecimentos pode eventualmente desempenhar uma função de aprendizagem dos métodos e processos criminosos. Em *terceiro lugar*, a globalização crescente ao esbater fronteiras, reduzir sistemas de controlo e facilitar a mobilidade de pessoas e bens, facultando também contactos e aprendizagem de práticas terroristas a quem nisso estiver interessado. Em *quarto lugar*, a crescente transição dos regimes políticos autoritários para regimes políticos democráticos, cujo maior efeito consistiu em reconhecer o cidadão como detentor de poder e, por isso, possuidor de direitos, liberdades e garantias. Estas, ao serem asseguradas pelos próprios Estados, vieram facilitar a ação terrorista e o conseqüente estado de insegurança. Sublinha-se que o Estado democrático é por natureza um Estado fraco, pois abdicou de poderes que tradicionalmente lhe

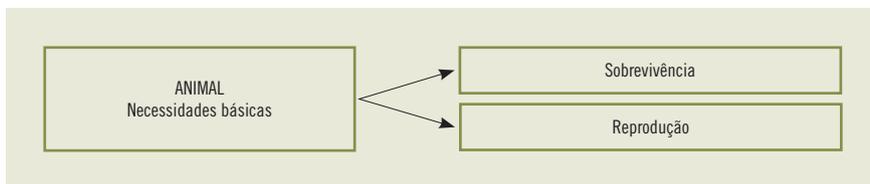


FIG. N.º1

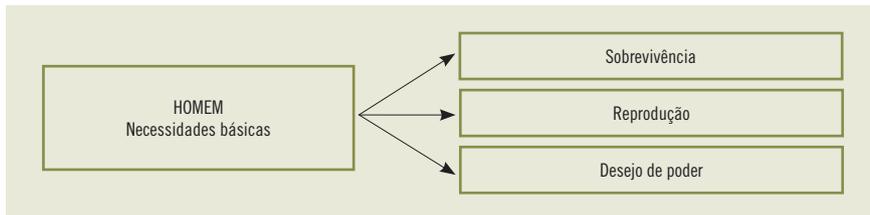


FIG. N.º2

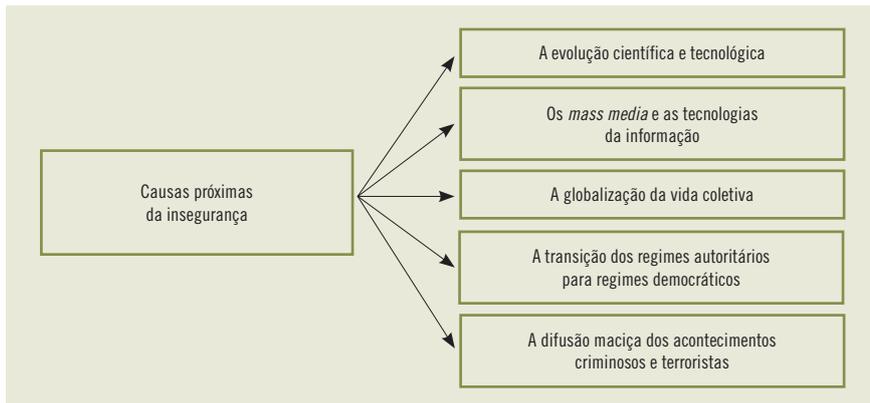


FIG. N.º3

competiam para os transferir para a esfera de poder do cidadão. Em *quinto lugar*, a difusão maciça de acontecimentos criminosos e atentados terroristas pelos diversos meios de comunicação, na plenitude de tudo o que os envolve, terá tido provavelmente efeitos de acesso generalizado, com consequências desastrosas por poderem ser incentivadores de comportamentos violentos e criminosos. Os fatores descritos tiveram efeito na desestabilização das sociedades, cabendo aos Estados encontrar formas de garantir a segurança dos seus cidadãos. Saliente-se que o desejo de poder é inerente ao homem. E o poder é um dos poucos bens que não se dividem. É um bem escasso, por isso desejado e gratificante, correspondendo a uma das mais profundas ambições do ser humano. A organização das sociedades, sendo uma das mais complexas tarefas de afirmação do poder e de quem o exerce, deixou de fora aqueles que recusaram submeter-se. Estes, por sua vez, desde sempre tentaram encontrar outros processos e outros meios para obter os mesmos benefícios, ainda que tenham de recorrer a meios ilícitos. É neste âmbito que surge a marginalidade e a criminalidade, cuja expansão tem vindo a assumir contornos cada vez mais sofisticados e complexos. Clarifica-se que o termo criminalidade abrange um conjunto de atividades diversificadas que colidem com as normas vigentes numa sociedade ou Estado. Por isso são designadas como atos ilícitos criminais. Quando a sua extensão ultrapassa as fronteiras de um país, o que não é difícil suceder, assume a designação de criminalidade transnacional (ou

transfronteiriça). Pela sua complexidade, a criminalidade transnacional assume-se por vezes como uma criminalidade sem rosto, que apenas busca o lucro através de uma competição desleal contra os poderes dos Estados. O seu sucesso tem uma relação estreita com o avanço crescente da globalização, tornando tal atividade mais disfarçada, multifacetada, invisível e de difícil identificação e localização espacial. A frágil consistência e perceptibilidade fazem dela uma ameaça para os Estados, a quem cabe garantir a estabilidade e a segurança dos cidadãos.

Na luta dos Estados contra a criminalidade organizada (nacional ou transnacional), a tendência tem sido agir através da prevenção e repressão dessa atividade. Porém, os proventos financeiros proporcionados por tal atividade são suficientemente atrativos para continuar a incentivar os criminosos a arriscar. Parece, no entanto, que para agir com maior eficiência no domínio da prevenção criminal deveria centrar-se a atenção na dinâmica social, identificando sintomas e agindo de forma a prevenir a emergência de fenómenos criminosos. Isto requereria estruturas técnicas qualificadas que antecipassem o conhecimento do que poderia vir a acontecer.

A criminalidade transnacional organizada tem a perceção clara de que o contexto atual a favorece pela complexidade, encobrimento e disfarce de que beneficia e ainda por conhecer a dificuldade de articulação que existe entre os diversos Estados no que respeita à troca de informações. Sublinhe-se que ao falar de criminalidade tanto podem ser abrangidas atividades ilícitas contra

os interesses dos Estados (tráfico de estupeficientes, tráfico de seres humanos e de órgãos, tráfico de armas, terrorismo, crime económico ou de colarinho branco, cibercriminalidade, etc.), como atividades ilícitas praticadas pelos próprios Estados (terrorismo de Estado como genocídios, crimes ambientais, políticas capitalistas predatórias, uso de armas químicas, etc.). Nos tempos mais recentes tem emergido e sido preocupação dos Estados a criminalidade financeira que surge como algo “sem rosto”, de grande complexidade quanto à origem e percurso. É um tipo de criminalidade quase invisível, sem localização, multifacetada, dispersa na ordenação de poder, mas que afeta os Estados na sua base de funcionamento, sendo por isso uma ameaça para o futuro da humanidade.

Anota-se que a criminalidade transnacional se tem expandido celeremente, devendo muito à evolução dos diversos meios de comunicação e transporte, à mobilidade de pessoas e capitais e à facilidade concedida pela globalização. Para combatê-la resta aos Estados melhorar os seus serviços de investigação e prevenção e acelerar a cooperação em tempo útil em matéria de troca de informações, para acelerar a prevenção e repressão, pois a criatividade em matéria de criminalidade segue sempre na vanguarda. ■